ISSN: 2358-8829

LINGUAGEM E EDUCAÇÃO EM SIMÓN RODRÍGUEZ E PAULO FREIRE

Brennan Cavalcanti Maciel Modesto [1]

RESUMO

O presente trabalho é decorrência direta da investigação realizada durante o Mestrado Profissional em Filosofia, concluído em 2022; na qual foram analisadas de maneira breve as duas questões que nos propomos a desenvolver neste momento. A linguagem foi um dos pontos essenciais das investigações de Simón Rodríguez sobre a educação - apontando a necessidade do estabelecimento do bilinguismo enquanto política de estado para a Pátria Grande, elemento que considerava imprescindível para que além do domínio do castelhano as pessoas nascidas na América também conhecessem as línguas e pensamentos autóctones - que considerava essencial para a constituição de nossas identidades. Paulo Freire, por sua vez, endossa que a leitura do mundo vem antes da leitura da palavra, apresentando que há uma relação de indissociabilidade entre a linguagem e a percepção de mundo; sobretudo num contexto de exclusão e exploração - fatores que atravessam inevitavelmente os processos educativos propostos para os sujeitos nesse contexto, seja com objetivo de perpetuá-lo, seja de finalizá-lo. A exploração aqui realizada contrapõe as perspectivas dos dois pensadores, visando apresentar os pontos onde suas reflexões se aproximam e se afastam; bem como apresentar apontamentos sobre a incontornabilidade e potências dos pensamentos de Rodríguez e Freire ainda nos dias atuais, sobretudo para pensarmos a Filosofia da Educação no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Educação, Linguagem, Simón Rodríguez, Paulo Freire, Filosofia da educação

INTRODUÇÃO

Este manuscrito surge de uma retomada da Dissertação de Mestrado apresentada no ano de 2022 ao PROF FILO (Mestrado Profissional em Filosofia), onde foi desenvolvida uma investigação sobre as possibilidades de um Ensino de Filosofia numa perspectiva decolonial, tendo como referencial central o pensamento de Simón Rodríguez. No percurso da investigação, como não poderia deixar de sê-lo, houveram interlocuções com outros pensadores, dentre os quais, figurou Freire - enquanto baluarte para as reflexões sobre o 'fazer escola' no Brasil.

O presente estudo visa aprofundar investigações anteriormente desenvolvidas, dedicando-se especificamente à exploração sistemática das relações entre Linguagem e Educação segundo as perspectivas de Simón Rodríguez e Paulo Freire. A opção por este diálogo teórico justifica-se tanto pela envergadura filosófica de ambos os pensadores

[1] Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, brennancmm@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

quanto pela urgência de se repensar o Ensino de Filosofia face aos desafios contemporâneos. Em um contexto marcado por políticas de austeridade, violência estrutural crescente e a hegemonização de projetos neoliberais na educação, torna-se imperativo reconhecer o caráter intrinsecamente político da prática educativa. A análise proposta busca, portanto, não apenas elucidar as interfaces teóricas entre linguagem e processos educativos, mas também oferecer subsídios para uma prática pedagógica comprometida com a transformação social em cenários de crescente adversidade política e epistemológica.

Um dos eixos centrais da análise recairá sobre a questão da linguagem, entendida não como mero instrumento de comunicação, mas como substrato ontológico e político da educação. Neste particular, as investigações de Simón Rodríguez revelam-se premonitórias. O pensador venezuelano advogou, com notável antecedência histórica, pela institucionalização do bilinguismo como política de Estado para a constituição da Pátria Grande. Para Rodríguez, tal projeto não se restringia ao domínio instrumental do castelhano, mas implicava necessariamente a valorização e o ensino das línguas e das cosmovisões fundantes de pensamento autóctones, considerados alicerces imprescindíveis para a formação de identidades genuinamente americanas, desvinculadas do complexo de inferioridade colonial.

De modo conceitualmente convergente, ainda que em contexto histórico e bebendo de fontes teóricas distintas, Paulo Freire postula a precedência da "leitura do mundo" sobre a "leitura da palavra". Esta premissa fundacional de sua pedagogia estabelece uma relação de indissociabilidade dialética entre linguagem e consciência histórica. Num contexto marcado por relações de exclusão e exploração – realidades que atravessam inevitavelmente os processos educativos, seja para sua perpetuação, seja para sua superação – a linguagem emerge como arena de luta pela significação do mundo e pela constituição de subjetividades autônomas.

Para atingir esse objetivo, portanto, desenvolveremos uma argumentação baseada no já supracitado capítulo da dissertação realizada, bem como expandiremos os horizontes, utilizando como referência central o artigo de Durán e Kohan (2020): "*Simón Rodríguez y Paulo Freire: Entre el amor y el entusiasmo en tiempos hostiles a una educación popular*", a par disso, será elaborado um quadro comparativo entre os prismas que regem os pensamentos de Rodríguez e Freire.

METODOLOGIA

ISSN: 2358-8829

A exploração teórica aqui empreendida coloca em diálogo crítico as perspectivas destes dois pilares do pensamento educacional latino-americano. Objetiva-se, assim, não apenas mapear as convergências e divergências em seus arcabouços teóricos, mas principalmente demonstrar a incontornável atualidade e potência de suas contribuições para o pensamento educacional contemporâneo. Num momento de recrudescimento de ataques à educação pública e de crescentes desafios à construção de uma escola verdadeiramente democrática, reexaminar as contribuições de Rodríguez e Freire oferece ferramentas teóricas indispensáveis para se repensar os fundamentos e os horizontes de uma Filosofia da Educação engajada com as urgentes demandas da realidade brasileira.

Dessa forma, este trabalho busca contribuir para a reflexão sobre similaridades e diferenças quanto às acepções rodriguianas e freireanas sobre a questão da linguagem enquanto elemento basilar ao ato pedagógico. Acreditamos que, de algum modo, essa reflexão possa auxiliar a efetivamente confrontar e superar os resquícios coloniais ainda presentes na educação contemporânea.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Rodríguez e Freire, muito embora bebam de fontes muito diferentes e se localizem em momentos distintos numa linha do tempo, o que os leva, consequentemente a desenvolver reflexões de distintas naturezas - cada qual respondendo às demandas que lhes eram peculiares, muitas das quais, sem dúvida, emergenciais -, ambos alinharam-se durante toda a vida com a busca do desenvolvimento de uma educação emancipatória, igualitária e plena; em detrimento dos projetos tradicionais que visam a manutenção de privilégios de gênero, classe e raça e propõem uma pretensa despolitização da educação para lograr êxito em seus projetos.

Durán e Kohan são cirúrgicos ao apresentar que as similaridades no desenvolvimento de suas teses não se tratam de meras coincidências, mas confluências de saberes - para salvar o termo utilizado por Antonio Bispo do Santos.

> “No se trata de proyectos aislados. A lo largo de sus obras, tanto Freire cuanto Rodríguez presentan reiteradamente afirmaciones justificadas relativas a la autoconstitución colectiva del pueblo, la declaración de una igualdad indiscriminada y de la autodeterminación vital. Para ellos se trata de una educación en la que se declara la igualdad de todos los que intervienen en ella y la capacidad colectiva e individual para construir y hacerse cargo de

ISSN: 2358-8829

> sus propias vidas. Educación popular es el nombre con el que ellos declaran la posibilidad de otra forma de vida, a partir de la declaración de la igualdad como principio" (DURÁN, KOHAN, 2020, p. 129)

A educação que pensamos aqui é não outra senão a Popular. Mas não falamos de qualquer acepção do termo, e conceituação de Educação Popular que nos mobiliza tem uma raiz histórica blocada no tempo e no espaço: Remete à Revolução Haitiana - onde o povo, então escravizado, educar-se de maneira conjunta e comunitária consistia numa ruptura; onde a igualdade já era um princípio de ação em si mesmo; e, existia o compromisso com a criação de uma nova vida para todos os envolvidos naquele processo revolucionário. (Idem, p. 133).

Dessa maneira, é uma decorrência natural afirmar que a nossa noção de educação, também assumida por Freire e Rodríguez, está amalgamada ao desejo por emancipação - uma não pode, sob quaisquer circunstâncias, existir sem a outra.

Num dado momento, o Haiti foi o local onde a ruptura das estruturas então existentes tem como marco inicial o fato de um escravo ensinar a outro escravo, para que juntos pudessem deixar a escravidão e, assim, construirem-se como sujeitos em uma outra ordem social. Paralelamente, em sua escola popular de Chuquisaca, Rodríguez afirma essa mesma necessidade de igualdade axiomática buscando a superação da ordem das coisas estabelecidas; uma ordem marcada por toda sorte de opressões.

Em sua premissa "escola para todos, porque todos são cidadãos" (Rodríguez, 1999, TI: 284) apresenta a igualdade enquanto condição de possibilidade para a existência da educação; não enquanto um produto dela.

> Allí la igualdad no es un programa, un objetivo a ser conseguido, sino una realidad a partir de la cual se despliega la cotidianeidad educativa de este nuevo espacio. La igualdad de la escuela popular no es un concepto a ser demostrado sino una experiencia práctica que se legitima en la existencia de una escuela que se dirige a todos y todas (DURÁN, KOHAN, 2020, p. 134).

Nesta mesma toada, afirmamos: Educar é, antes de qualquer coisa, abrir-se para o outro. Um afastamento da mesmidade, descentrando-se e dando lugar à experiência de reconhecer-se no rosto de outrem; em suas demandas, necessidades e vicissitudes - buscando por meio da educação, já geminada com a noção de igualdade, possibilitar

ISSN: 2358-8829

espaço para a liberdade surgir das ruínas do mundo que hoje é reconhecidamente avesso à emancipação.

> Así es posible hablar de una educación filosófica popular que irrumpe en Haití, entre el ejército de hombres que se enfrenta a las superpotencias de su época para afirmar su igualdad. Hay educación filosófica y popular en Chuquisaca entre esos niños y niñas que ingresan a una escuela que promueve una nueva vida. Freire también afirma una educación filosófica y popular en su educación amorosa y trashumante. Los tres momentos son distintos, pero generan efectos igualmente potentes, rupturistas, igualitarios y creativos. La condición de posibilidad de estos efectos reside en aquellos que deciden sostenerlos en una práctica concreta (DURÁN, KOHAN, 2020, p. 144).

Em Chuquisaca todas as normas sociais voltadas à classe, raça e gênero eram sumariamente subvertidas - as hierarquias, de quaisquer naturezas que fossem, não eram valoradas. Em verdade, construía-se uma igualdade radical, na qual até mesmo a língua e o modo de aquisição da linguagem figuravam como elementos centrais nesse processo. Para Simón Rodríguez, a linguagem não era um simples instrumento de comunicação, mas o alicerce político e cultural sobre o qual se deveria construir uma educação verdadeiramente americana.

Outra similaridade bastante curiosa é a importância atribuída à curiosidade, ao questionar-se enquanto elemento essencial de suas compreensões de mundo. De certa maneira, cada um deles apresenta uma razão para que a Pergunta se torne um princípio em sua pedagogia - assim como é para a Filosofia. A Busca dos 'porquês' das coisas é o que nos impele à investigar e agir de maneira coerente com a razão; de maneira análoga, nos apresenta Rodríguez:

> "OBEDECER CEGAMENTE é o princípio que governa. Por isso existem tantos Escravos – e por isso é Amo o primeiro a querer ser. Ensinem as crianças a serem PERGUNTONAS! Para que, pedindo o POR QUÊ, daquilo que mandarem fazer, acostumem-se a obedecer… à RAZÃO! Não à AUTORIDADE, como os LIMITADOS. Nem os COSTUMES, como os ESTÚPIDOS." (RODRÍGUEZ, 1999, T.II, p. 27).

Freire, por sua vez, apresenta a pergunta como uma espécie de base ontológica para a linguagem.

> "Eu insistiria em que a origem do conhecimento está na pergunta, ou nas perguntas, ou no ato mesmo de perguntar; eu me atreveria a dizer que a primeira linguagem foi uma pergunta, a primeira palavra foi a um só tempo pergunta e resposta, num ato simultâneo." (FREIRE, FAUNDEZ, 1998, p. 25).

Rodríguez acreditava que o ensino deveria articular o castelhano com as línguas originárias, rompendo com a hierarquia linguística imposta pela colonização. Defendia ainda a necessidade imanente 'inventar', neste caso, fala-se de inventar uma cultura

ISSN: 2358-8829

própria da América - necessariamente distinta da cultura européia que nos fora outrora imposta. Em suma, Rodríguez via a linguagem como instrumento de libertação epistêmica: sem uma assimilação de línguas que valorizasse as raízes autóctones, a educação reproduziria a dependência cultural e impediria o surgimento de uma Pátria Grande verdadeiramente soberana.

Assim como em Simón Rodríguez, a obra de Paulo Freire consolida a linguagem como vetor de conscientização e transformação social. Ambos os pensadores concebem a historicidade como fundamento irrecusável do projeto político-pedagógico que defendem, articulando-a a uma práxis educativa comprometida com a emancipação. Essa convergência teórica reflete-se em seus percursos intelectuais e militantes, orientados pela luta contra as estruturas coloniais e pela superação das desigualdades delas derivadas. A linguagem, portanto, longe de ser elemento neutro, configura-se em ambos os autores como arena de disputa simbólica e instrumento de libertação.

Uma distinção fundamental entre os projetos educativos de Rodríguez e Freire reside em sua escala de atuação e abordagem metodológica. Enquanto Rodríguez, contextualizado no século XIX durante os processos de independência latino-americana, enfatizava políticas macroestruturais de caráter estatal e continental - operando através de prescrições institucionais como o bilinguismo obrigatório -, Freire, atuando no século XX sob regimes autoritários e contextos de dependência neocolonial, privilegiava processos micro educativos, desenvolvendo uma metodologia baseada na construção dialógica em círculos de cultura e comunidades. Esta diferença de ênfases reflete não apenas distintos contextos históricos, mas também perspectivas complementares sobre como operar transformações educativas: Rodríguez através de diretrizes continentais e Freire mediante práticas pedagógicas localizadas.

Quanto às distinções de suas perspectivas sobre os papéis da linguagem no processo pedagógico, abaixo segue uma tabela comparativa de elementos primordiais, é importante observar que todas essas características dialogam diretamente com o modo com que ambos os pensadores constroem seus projetos políticos.

Tabela 1:

Simón Rodríguez	**Paulo Freire**
Bilinguismo como política decolonial: Defende o ensino de línguas autóctones junto ao espanhol para romper com a hierarquia linguística colonial.	Alfabetização como ato político: Foca na leitura crítica da palavra e do mundo, usando a linguagem para desvelar estruturas de opressão.

ISSN: 2358-8829

Linguagem como fundação identitária: Via nas línguas originárias a chave para uma educação enraizada na realidade americana.	Linguagem como prática dialógica: Prioriza o vocabulário gerador e as experiências dos educandos como ponto de partida pedagógico.
Ênfase na institucionalização: Propunha políticas linguísticas de estado para a "Pátria Grande".	Ênfase na pedagogização: Desenvolveu métodos para integrar a linguagem à prática educativa emancipatória.

Apesar de suas contribuições fundamentais, ambos os pensadores apresentam limitações que merecem reflexão. Simón Rodríguez pode ser criticado por um certo "idealismo linguístico", ao superestimar a capacidade unificadora do bilinguismo sem considerar suficientemente as complexas dinâmicas de resistência cultural e assimilação de línguas de um modo geral. Paulo Freire, por sua vez, é por vezes acusado de "otimismo dialógico", por subestimar os obstáculos estruturais que impedem a plena realização de uma educação libertadora em contextos de profunda desigualdade. Contudo, longe de invalidar suas contribuições, essas limitações apontam para uma síntese necessária: as macroestruturas políticas propostas por Rodríguez e as micropedagogias desenvolvidas por Freire revelam-se complementares na construção de uma política linguística verdadeiramente decolonial, avessa à lógica neoliberal e capaz de operar simultaneamente na esfera institucional e na prática cotidiana (Puiggrós, 2011, p. 100).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atualidade do diálogo entre Rodríguez e Freire manifesta-se com especial urgência no contexto educacional brasileiro contemporâneo. Seus pensamentos seguem indispensáveis para, sobretudo, discutir o lugar das línguas indígenas e afro-diaspóricas nos currículos; questionar a hegemonia do português padrão como norma exclusiva de valor social e acadêmico; e formar educadores capazes de reconhecer na linguagem um campo de luta política pela diversidade epistemológica. Este cenário comparativo evidencia como Rodríguez e Freire, em seus respectivos contextos históricos, oferecem ferramentas conceituais para repensar a linguagem para além de perspectivas meramente instrumentais, situando-a definitivamente no centro dos projetos de libertação na América Latina - não como elemento secundário, mas como território primordial de conflito e transformação social.

ISSN: 2358-8829

Este entrelaçamento entre linguagem e libertação consolida-se na convergência fundamental que unifica seus projetos educativos. De maneira sintética, as investigações e propostas teóricas de Paulo Freire e Simón Rodríguez orientam-se para um horizonte comum: a emancipação política e epistêmica das populações oprimidas. Ambos os autores, embora em contextos históricos distintos, identificam na educação – concebida não como mera transmissão de conhecimentos, mas como prática social transformadora – o vetor fundamental para a construção de um projeto de libertação. Para Rodríguez, a educação era o instrumento para forjar uma identidade americana autônoma e inventiva, rompendo com a lógica colonial; para Freire, a prática educativa libertadora é o meio pelo qual os oprimidos tomam consciência de sua condição histórica e assumem seu papel como sujeitos da transformação social.

Neste projeto emancipatório compartilhado, a linguagem ocupa lugar central. Para Rodríguez, ela representava a condição necessária para a invenção de um sujeito histórico latino-americano; para Freire, constitui o próprio processo pelo qual os oprimidos se reconhecem como sujeitos de sua libertação, transformando sua relação com o mundo através da palavra consciente e crítica. Ambos convergem, portanto, na compreensão da educação como ato político e na análise da linguagem como dimensão indispensável na busca pela autodeterminação dos povos.

REFERÊNCIAS

DURÁN, Maximiliano; KOHAN, Walter Omar. Simón Rodríguez y Paulo Freire: Entre el amor y el entusiasmo en tiempos hostiles a una educación popular. In: **Las Nuevas Derechas**: Un desafío para las democracias actuales. Cali - Universidad Icesi. 198p. , 2020.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. Disponível em: https://cpers.com.br/wp content/uploads/2019/09/15.-Por-umaPedagogia-da-Pergunta.pdf. Acesso em: 24 jul. 2021.

PIUGGRÓS, Adriana. **De Simón Rodríguez a Paulo Freire**: Educación para la integración iberoamericana. Buenos Aires: Colihue, p. 123, 2011.

RODRÍGUEZ, Simón. **Obras Completas**, Tomo I e II, Caracas: Universidad Simón Rodríguez, 1999.